

Jornal da Tarde

Serviço funerário

Cemitério 'lotado' está fechado para enterros

Cancelados desde 27 de agosto, sepultamentos devem voltar a ser feitos em 30 dias, diz Prefeitura

**FELIPE ODA
TIAGODANTAS**

O cemitério do Lajeado, em Guaianases, zona leste da capital, atingiu a lotação máxima. Há dez dias, nenhum corpo pode ser enterrado ou exumado no local. Desde 27 de agosto, as famílias do bairro são obrigadas a procurar sepulturas em outros cemitérios da região. A reabertura do equipamento público depende da construção de um novo ossário, o que ainda deve demorar um mês.

A falta de vagas vem sendo notada por funcionários há pelo menos um ano. O Lajeado tem cerca de 7 mil sepulturas - 1,2 mil são túmulos particulares e utilizados apenas pelas famílias que os compraram. As vagas particulares ainda estão funcionando, dizem funcionários. Cada sepultura pública guarda um corpo, que só pode ser retirado de lá, abrindo espaço para outro enterro, três anos após o sepultamento.

Este é o primeiro problema do cemitério: nenhuma quadra tem sepulturas vencidas. Mas não é só isso. Mesmo que o vencimento de alguma vaga estivesse próximo, não haveria como liberá-la. Quando o prazo de três anos expira, a família do morto deve ir ao cemitério pedir a exumação do corpo. Os ossos, que sobram deste processo, vão para o ossário.

E aí aparece o segundo problema: a falta de ossários. As cerca de 4 mil gavetas individuais também estão cheias. Como as famílias podem renovar o uso do ossário a ca-

da cinco anos, raramente algum fica vazio. O Serviço Funerário informou que pretende abrir 300 vagas com a construção de um novo ossário, que ficará pronto em 30 dias.

Funcionários do local, no entanto, avaliam que a obra é uma solução emergencial e que o cemitério precisaria de ainda mais ossários. Caso contrário, pode voltar a fechar para enterros em breve.

Em nota, a Prefeitura reconheceu que os sepultamentos pararam de ser realizados, mas garantiu que há espaço para velórios. "Os sepultamentos estão sendo encaminhados para outras necrópoles na própria região, sem prejuízo aos moradores", diz a nota.

Há falta de ossários. As cerca de 4 mil gavetas individuais existentes também estão cheias

"O pessoal faz o velório aqui e depois tem de levar o corpo para outro cemitério. Graças a Deus não passei por isso, mas acho o cúmulo. Ninguém percebeu que o cemitério estava ficando cheio e tomou uma providência?", critica a aposentada Ondina de Jesus Teixeira, de 75 anos. Ela mora próximo ao cemitério, onde diz ter assistido ao sepultamento do marido quatro anos atrás.

Os enterros que eram feitos no Lajeado são enviados para o cemi-



Fachada do Lajeado: desde 27 de agosto, as famílias do bairro são obrigadas a procurar sepulturas

em outros cemitérios da região

tério da Saudade, em São Miguel Paulista, distante 6,5 km, e o de Itaquera, a 8,5 km. "Não é uma questão só de distância. As pessoas do bairro querem continuar aqui, há uma ligação. Quem enterra um parente, o faz por carinho, quer visitar o túmulo", afirma a babá Janize de Freitas, de 28 anos. ::

COMO FUNCIONA

» Se a família não tem um túmulo em algum dos cemitérios municipais, pode usar uma das vagas comuns. É possível colocar o nome e a foto do familiar

» Após três anos de sepultamento, o parente mais próximo do morto deve ir ao cemitério pedir a exumação do corpo

» Os ossos são colocados em recipientes e armazenados em ossários coletivos ou individuais - com placa de identificação

» Caso a exumação não seja feita, os ossos são armazenados em uma vala mais funda na mesma sepultura onde estava

Local deu início à ocupação do bairro na década de 1860

O cemitério do Lajeado fica no terreno que deu origem ao bairro - e em torno do qual a população construiu suas casas. Por volta de 1860, em um local conhecido como Vale do Ribirão do Lajeado, foi erguida uma capela e uma pousada, segundo registros da Prefeitura. O objetivo das construções era receber visitantes.

Antes de 1820, Lajeado era um povoado indígena. A capela de Santa Cruz do Lajeado foi inaugurada no dia 3 de maio de

1861. Moradores mais antigos contam que, após a inauguração da capital, os primeiros cidadãos do bairro, ainda na década de 1890, Lajeado foi elevado à condição de distrito em 1929.

Nas terras ocupadas por moradores, que ficavam espalhados pelo território eram cultivados produtos agrícolas - verduras, frutas, flores - e agropecuários, ainda segundo a Prefeitura.

O cemitério, como é hoje, só foi construído muitos anos depois: na década de 1950. Mas já é pequeno para o tamanho do bairro. O distrito tem 164.512 habitantes, segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Cemitério da zona leste está fechado para enterro público

Falta de vagas permite só sepultamentos particulares; Prefeitura promete construir mais um ossário no local

Felipe Oda
Tiago Dantas

JORNAL DA TARDE

O Cemitério do Lajeado, em Guaianases, na zona leste da capital, atingiu a lotação máxima. Há dez dias, não é possível mais fazer enterros públicos – só os túmulos particulares podem ser usados. A reabertura de vagas depende da construção de um novo ossário, o que deve demorar um mês.

A falta de vagas vem sendo notada por funcionários há pelo menos um ano. O Lajeado tem cerca de 7 mil sepulturas – 1,2 mil são túmulos particulares e utilizados apenas pelas famílias que os compraram. As vagas particulares ainda estão funcionando, dizem funcionários. Cada sepultura pública guarda um corpo, que só pode ser retirado de lá, abrindo espaço para outro enterro, três anos após o sepultamento.

Este é o primeiro problema: nenhuma quadra tem sepulturas vencidas. Mas não é só isso.

Mesmo que o vencimento de alguma vaga estivesse próximo, não haveria como liberá-la. Quando o prazo de três anos expira, a família do morto deve ir ao cemitério pedir a exumação do corpo. Os ossos, que sobram do processo, vão para o ossário.

E aí aparece o segundo problema: a falta de ossários. As cerca de 4 mil gavetas individuais existentes também estão cheias. Como as famílias podem renovar o uso do ossário a cada cinco anos, raramente algum fica vazio. O Serviço Funerário informou que pretende abrir 300 vagas com a construção de um ossário, que ficará pronto em 30 dias.

Funcionários do local, no entanto, avaliam que a obra é uma solução emergencial e o cemitério precisaria de ainda mais ossários. Caso contrário, pode voltar a fechar para enterros em breve. Em nota, a Prefeitura reconheceu que os sepultamentos pararam de acontecer, mas garantiu que há espaço para velórios.

“O pessoal faz o velório aqui e depois tem de levar o corpo para outro cemitério. Acho o cúmulo”, critica a aposentada Ondina de Jesus Teixeira, de 75 anos. Os enterros destinados ao Lajeado vão agora para o cemitério da Saudade, em São Miguel Paulista, distante 6,5 km, e o de Itaqueira, a 8,5 km.



Lajeado.
Velório pode ser feito, mas enterro só em São Miguel



A voz e a vez do leitor

FOTO DO LEITOR

Júnior Vaisberg



Funcionário se recusa a recolher o lixo

No dia 30/8, solicitei aos catadores de lixo que passam na rua da minha mãe para recolher lixo de sacos de cimento, com pedras e pedaços de madeira, mas que não chegavam a pesar 10 kg cada saco. Um funcionário do caminhão me disse que não poderia recolher os sacos, que estão na Rua Nelson, de frente ao nº 30. Fiz uma reclamação no site da Prefeitura (nº 10995470). Infelizmente, a Prefeitura e seus terceirizados muitas vezes não fazem seu trabalho como deve de ser feito. A Prefeitura diz que até 50 kg o lixo pode ser coletado.

...Júnior Vaisberg, capital

Não há clippings de rádios para esta data.